UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA DO MARANHÃO
PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES CAMINHOS DO SERTÃO
CURSO DE GEOGRAFIA LICENCIATURA

ISADORA PAULINA DA SILVA

A DIVISÃO TERRITORIAL DO TRABALHO E O CIRCUITO ESPACIAL MADEIREIRO NA AMAZÔNIA MARANHENSE: ESTUDO DE CASO EM ITINGA DO MARANHÃO

Itinga do Maranhão
2026

ISADORA PAULINA DA SILVA

A DIVISÃO TERRITORIAL DO TRABALHO E O CIRCUITO ESPACIAL MADEIREIRO NA AMAZÔNIA MARANHENSE: ESTUDO DE CASO EM ITINGA DO MARANHÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Geografia Licenciatura, do Programa de Formação de Professores Caminhos do Sertão, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL, como requisito para obtenção de título de Licenciado em Geografia.
Orientador(a): Prof. Dr. Allison Bezerra Oliveira

Itinga do Maranhão
2026

S586d

Silva, Isadora Paulina da

A divisão territorial do trabalho e o circuito espacial madeireiro na Amazônia Maranhense: estudo de caso em Itinga do Maranhão. / Isadora Paulina da Silva. – Itinga do Maranhão, MA, 2026.

27 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) Programa de Formação de Professores Caminhos do Sertão – Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, Imperatriz, MA, 2026.

1. Divisão territorial do trabalho. 2. Circuito Espacial de produção. 3. Setor madeireiro.4. Itinga do Maranhão. 5. Amazônia Maranhense. I. Título.

CDU 91

Ficha elaborada pelo Bibliotecário: **Kacio Micael Oliveira Vidal CRB – 13/988**

ISADORA PAULINA DA SILVA

A DIVISÃO TERRITORIAL DO TRABALHO E O CIRCUITO ESPACIAL MADEIREIRO NA AMAZÔNIA MARANHENSE: ESTUDO DE CASO EM ITINGA DO MARANHÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Geografia Licenciatura, do Programa de Formação de Professores Caminhos do Sertão, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL, como requisito para obtenção de título de Licenciada em Geografia.

Orientador(a): Prof. Dr. Allison Bezerra Oliveira

APROVADA EM: 06/06/2026

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
gov.br
ALLISON BEZERRA OLIVEIRA
Data: 08/06/2026 23:29:40-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Allison Bezerra Oliveira (Orientador)
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL

Documento assinado digitalmente
gov.br
GEILSON DE ARRUDA REIS
Data: 09/06/2026 09:39:23-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Geilson de Arruda Reis (Examinador)
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL

Documento assinado digitalmente
gov.br
ERGSON DE SOUSA MORAES
Data: 09/06/2026 08:48:24-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Me. Ergson de Sousa Moraes
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL

“Dedico este trabalho ao meu Senhor e criador de todas as coisas, Jesus Cristo. Que me chamou e me trouxe ao proposito deste curso.” Sem mim vocês não podem fazer coisa alguma” João 15:5. De forma muito especial, ofereço essa conquista ao meu sobrinho Isaque, que ainda não compreende a dimensão deste momento, mas que ilumina meus dias com sua alegria e me inspira a ter um futuro cheio de sonhos.

AGRADECIMENTOS

Em português a gente diz:**" eu consegui", mas biblicamente, a gente diz: "Para que todos vejam, e saibam, e considerem, e juntamente entendam que a mão do senhor fez isso."** Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter me sustentado em cada momento desta caminhada. Nos dias de cansaço, dúvida e dificuldade, foi a fé que me deu forças para continuar e acreditar que seria possível chegar até aqui.

À minha família e de maneira muito especial às minhas mães, **Gonçala** e **Cleide**. Obrigada pelo amor, pelo cuidado, pelos conselhos e por nunca soltarem a minha mão este momento também é de vocês, aos meus irmãos e aos meus sobrinhos que fizeram parte desse momento. **"Ao meu pai (in memoriam), que partiu, mas deixou em mim o sonho de ser professora. Esta conquista é dedicada a ele, com amor, saudade e gratidão.".** Aos meus amigos, minha sincera gratidão pelas palavras de encorajamento. De modo especial, agradeço à **Ana**, que foi uma grande incentivadora, inspirando-me, ajudando-me no processo de inscrição. A presença e o carinho de vocês fizeram toda a diferença nessa trajetória.

Aos meus colegas de sala, em especial **Laís, Hevenlym** e **Rayane**, que compartilharam comigo essa jornada acadêmica. Foram muitas experiências vividas juntas, momentos de aprendizado, desafios, risadas e superações que levarei para sempre na memória. A todos os professores que fizeram parte dessa caminhada e que contribuíram para minha formação acadêmica e pessoal. Em especial, à professora **Elza Ribeiro**, pelo compromisso, dedicação e ensinamentos que tanto me inspiraram ao longo desse percurso. Estendo também minha gratidão ao professor **Chico**, cujas palavras marcaram profundamente minha trajetória, ao nos lembrar da importância de sermos o professor que gostaríamos de ter. Essa reflexão se tornou uma inspiração para minha prática e para o caminho que escolhi seguir na educação.

E, de forma muito especial, ao meu orientador, **Dr. Allison Bezerra Oliveira**, pela orientação, pela paciência e por acreditar no nosso potencial. Suas palavras, conselhos e ensinamentos foram fundamentais durante a construção deste trabalho. E é impossível não lembrar, com carinho, de uma de suas frases marcantes, quando nos chamava, de forma bem-humorada, de "os inconseguíveis". Aquilo que soava como uma brincadeira acabou se tornando também um incentivo, uma forma de nos desafiar a provar que somos capazes. Hoje, chegar até aqui é, de certa forma, mostrar que até os "inconseguíveis" podem conquistar grandes realizações.

RESUMO

Este artigo analisa a configuração do circuito espacial da produção madeireira no município de Itinga do Maranhão, inserido na dinâmica econômica da Amazônia Maranhense. A partir das categorias teóricas de circuito espacial de produção e círculos de cooperação, investiga-se como a divisão territorial do trabalho se manifesta na escala local, transformando Itinga em um nó estratégico para o processamento e escoamento de produtos florestais. A metodologia baseia-se em levantamento bibliográfico, análise de dados secundários de órgãos ambientais e econômicos, e observação da dinâmica logística regional. Identifica-se que a infraestrutura de transportes, especialmente a proximidade com a rodovia BR-010, atua como um vetor de aceleração desse circuito, consolidando o município como um centro de serviços e manufatura de baixo e médio valor agregado. Conclui-se que o circuito espacial madeireiro em Itinga reflete as contradições do desenvolvimento regional amazônico, onde a especialização produtiva gera crescimento econômico, mas impõe desafios constantes à gestão territorial e à sustentabilidade ambiental frente às pressões do mercado globalizado.

Palavras-chave: Divisão Territorial do Trabalho. Circuito Espacial de Produção. Setor Madeireiro. Itinga do Maranhão. Amazônia Maranhense.

ABSTRACT

This article analyzes the configuration of the spatial circuit of timber production in the municipality of Itinga do Maranhão, within the economic dynamics of the Maranhão Amazon. Drawing on the theoretical categories of spatial production circuits and circles of cooperation, the study investigates how the territorial division of labor manifests itself at the local level, transforming Itinga into a strategic hub for the processing and distribution of forest products. The methodology is based on a literature review, analysis of secondary data from environmental and economic agencies, and observation of regional logistics dynamics. It is found that the transportation infrastructure, especially the proximity to the BR-010 highway, acts as a driver accelerating this circuit, consolidating the municipality as a center for low- and medium-value-added services and manufacturing. It is concluded that the spatial timber circuit in Itinga reflects the contradictions of Amazonian regional development, where productive specialization generates economic growth but poses constant challenges to territorial management and environmental sustainability in the face of pressures from the globalized market.

Keywords: Territorial Division of Labour. Spatial Circuit of Production. Timber Sector. Itinga do Maranhão. Maranhão Amazon.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO **10**

2 METODOLOGIA **12**

3 MUNICÍPIO DE ITINGA NO CENÁRIO DE CIDADES AMAZÔNICAS **12**

4 DIVISÃO TERRITORIAL DO TRABALHO **15**

5 CIRCUITOS ESPACIAIS DE PRODUÇÃO **18**

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO **21**

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS **25**

REFERÊNCIAS **27**

1 INTRODUÇÃO

A divisão territorial do trabalho constitui um elemento central para a compreensão das dinâmicas econômicas e espaciais que estruturam o território brasileiro, especialmente na Amazônia maranhense. A Amazônia brasileira historicamente se configura como uma fronteira econômica marcada pela exploração de recursos naturais e pela inserção desigual no processo de desenvolvimento nacional. Nesse contexto, a região tem sido integrada à economia capitalista por meio de atividades voltadas à extração e ao aproveitamento de seus recursos, como a madeira, a mineração e a agropecuária, o que reforça dinâmicas territoriais específicas e profundas transformações socioespaciais.

A delimitação territorial do trabalho refere-se à forma como as atividades produtivas se distribuem no espaço, atribuindo funções específicas a determinadas regiões de acordo com suas condições naturais, infraestrutura disponível e interesses do capital. Diante dessa dinâmica, a cadeia produtiva madeireira assume papel estratégico, articulando diferentes etapas do processo produtivo extração, beneficiamento, circulação e comercialização e integrando o território local a escalas regionais e nacionais.

No estado do Maranhão, a chamada Amazônia Maranhense destaca-se por sua posição estratégica na expansão das frentes econômicas, especialmente relacionadas à exploração florestal. É nesse espaço que se localiza o município de Itinga do Maranhão, cuja dinâmica econômica esteve, por muitos anos, fortemente associada à atividade madeireira. O município de Itinga do Maranhão está localizado no sudoeste do estado do Maranhão, inserido na Amazônia maranhense e próximo à divisa com o estado do Pará, sendo cortado pela BR-010 (Rodovia Belém–Brasília). Essa localização estratégica favorece a circulação de mercadorias e a integração do município aos fluxos produtivos da atividade madeireira, consolidando-o como um importante elo do circuito espacial da produção madeireira na região.

A presença de serrarias, depósitos, indústrias moveleiras e atividades de transporte evidencia a especialização produtiva do município no interior da fragmentação do território. O espaço municipal desenvolveu-se a partir da exploração de recursos naturais, tendo o circuito madeireiro como uma das principais atividades econômicas responsáveis pela geração de emprego, renda e pela articulação do município com outros espaços regionais e nacionais. A extração, o beneficiamento e a comercialização da madeira estabeleceram fluxos constantes de mercadorias, capitais e trabalho, evidenciando a importância dessa atividade na organização do espaço local e na inserção do município na divisão territorial do trabalho em escala regional.

Diante desse contexto, torna-se relevante compreender de que forma a atividade madeireira contribui para a organização do espaço local e para a inserção do município na divisão territorial do trabalho regional. Assim, surge o seguinte questionamento: como o circuito espacial da produção madeireira influencia a dinâmica econômica e a organização socioespacial do município de Itinga do Maranhão? A partir dessa problemática, busca-se analisar como os diferentes agentes, fluxos e etapas produtivas estruturam essa atividade econômica e moldam as relações entre território, trabalho e capital.

Para compreender essa dinâmica, torna-se fundamental recorrer ao conceito de Circuitos Espaciais da atividade produtiva, formulado por Milton Santos, que permite analisar a produção para além do espaço fabril. A produção é entendida como um processo que envolve diferentes etapas interligadas por fluxos da extração da matéria-prima ao beneficiamento, transporte e consumo atravessando distintos lugares e escalas geográficas. De acordo com Santos (1979), o espaço geográfico é organizado a partir dos circuitos da economia, que expressam as desigualdades e complementaridades do sistema capitalista. Nesse sentido, a cadeia produtiva madeireira em Itinga do Maranhão revela a coexistência do circuito superior, representado pelas empresas formalizadas e integradas aos mercados regionais e nacionais, e do circuito inferior, caracterizado por atividades menos capitalizadas, informais e voltadas à subsistência local. Essa articulação demonstra como o município se insere de forma subordinada, porém estratégica, na dinâmica da economia territorial.

Dessa forma, esta pesquisa tem como objetivo analisar a divisão territorial do trabalho e o circuito espacial da produção madeireira na Amazônia maranhense, a partir do estudo de caso do município de Itinga do Maranhão, buscando compreender como essa atividade econômica influencia a organização do espaço urbano, as dinâmicas socioeconômicas locais e as relações entre território, capital e trabalho. Com objetivos específicos, pretende-se identificar os principais fluxos de matéria-prima e produtos finais, mapear os agentes envolvidos nesse circuito como empresários, transportadores e órgãos reguladores e analisar o papel da infraestrutura rodoviária na fluidez e na organização desse circuito.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa configura-se como um estudo de caso de abordagem qualitativa, centrado na análise da divisão territorial do trabalho e do circuito espacial da produção madeireira em Itinga do Maranhão, na Amazônia Maranhense, método escolhido por permitir a compreensão profunda das particularidades socioeconômicas e territoriais da localidade. O desenvolvimento do trabalho fundamentou-se em um levantamento bibliográfico pautado na geografia crítica, com destaque para autores como Milton Santos e David Harvey, o que estabeleceu a base teórica sobre circuitos espaciais de produção e dinâmicas econômicas regionais. Complementarmente, foram utilizados dados secundários de instituições oficiais, como o IBGE, para a caracterização demográfica e econômica do município, aliados à observação direta da atividade produtiva em movelarias locais. Essa etapa de campo, apoiada por registros fotográficos, permitiu o exame detalhado das etapas de produção, da organização do trabalho e dos instrumentos utilizados, possibilitando, por fim, a identificação dos fluxos de matéria-prima e dos agentes envolvidos no circuito da madeira e sua inserção na divisão territorial do trabalho na região.

3 MUNICÍPIO DE ITINGA NO CENÁRIO DE CIDADES AMAZÔNICAS

A Amazônia Legal corresponde a uma delimitação político administrativa criada pelo Estado brasileiro com o objetivo de promover a integração e o desenvolvimento econômico da região amazônica. O estado do Maranhão, embora apresente características de transição entre o Nordeste e o Norte do país, possui uma parcela significativa de seu território inserida na Amazônia Oriental, especialmente na porção oeste do estado. Essa área apresenta grande diversidade ambiental, marcada por florestas, rios e solos que favoreceram atividades extrativistas e agropecuárias.

Entretanto, a inserção do Maranhão na Amazônia não se deu de forma homogênea nem equilibrada, o processo de ocupação foi acompanhado por desigualdades socioeconômicas, conflitos fundiários e exploração intensiva dos recursos naturais. As cidades amazônicas maranhenses, em sua maioria, passaram a desempenhar papéis periféricos na economia regional, atuando como fornecedoras de matérias-primas para mercados externos, sem que isso resultasse em melhorias significativas nas condições de vida da população local.

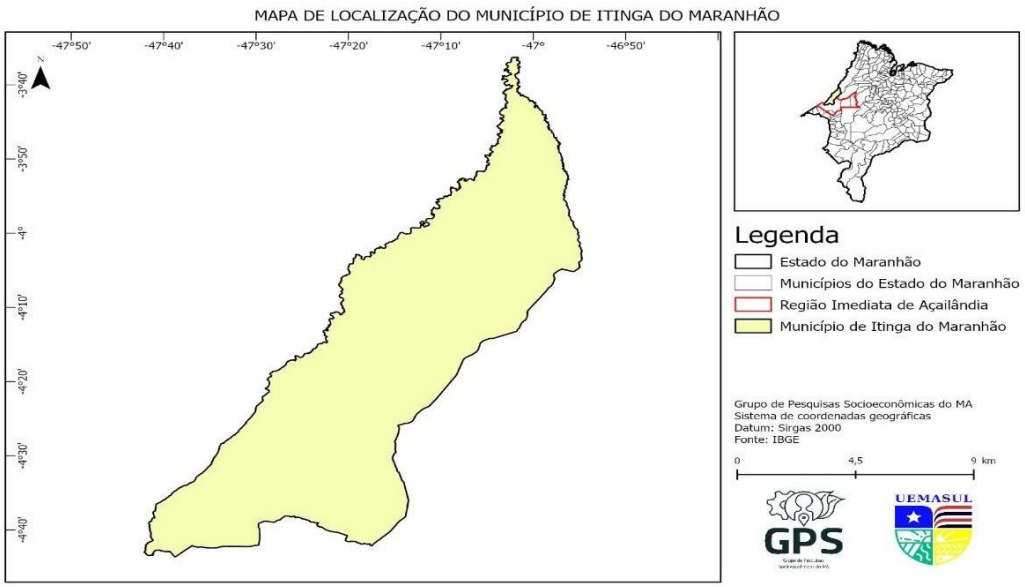
As cidades da Amazônia Oriental apresentam uma economia marcada principalmente pela exploração de recursos naturais, pelo comércio e pelo crescimento do setor de serviços.

Essa região abrange principalmente o estado do Pará, além de partes do Amapá e do Maranhão, e possui grande importância econômica para o Brasil. Uma das principais características econômicas é o extrativismo, especialmente a mineração, a região é rica em minérios, como ferro, bauxita e ouro, outra atividade importante é a agropecuária, com destaque para a pecuária bovina e o cultivo de soja em áreas desmatadas. Ao mesmo tempo, há presença significativa da agricultura familiar, que abastece os mercados locais. As cidades da região também possuem forte atividade comercial e portuária.

O crescimento urbano das cidades da Amazônia Oriental está frequentemente ligado a grandes projetos econômicos, como mineração, hidrelétricas e expansão agrícola. Esse processo atrai migrantes em busca de emprego e oportunidades, o que provoca crescimento acelerado das cidades e, em muitos casos, desafios sociais e ambientais. De modo geral, a economia das cidades da Amazônia Oriental é dinâmica, porém fortemente dependente da exploração de recursos naturais, o que gera tanto desenvolvimento econômico quanto impactos ambientais e sociais.

No contexto desses processos de reorganização territorial, refletindo a dinâmica comum às cidades amazônicas surgidas a partir de núcleos de povoamento ligados à exploração dos recursos naturais, o município está localizado em uma região aonde estão integrando a área maranhense da Amazônia Oriental. Sua posição geográfica favorece a conexão com outros municípios amazônicos, ao mesmo tempo em que evidencia a fragilidade da infraestrutura regional, característica recorrente das cidades amazônicas periféricas.

Figura 1: Mapa de localização do município de Itinga do Maranhão



Fonte: IBGE (2026). Org. Grupo de Pesquisas Socioeconômicas do MA (2026)

Itinga do Maranhão (Figura 1) é um município brasileiro localizado no sudoeste do estado, com cerca de 22.513 habitantes (IBGE 2022). Foi oficialmente emancipado em 10 de novembro de 1994, através da Lei nº 6.147, sendo desmembrada do município de Açailândia, localizado a 615 km da capital para se tornar uma unidade administrativa independente.

O município insere-se no contexto da Amazônia Oriental brasileira, região marcada por intensas transformações territoriais decorrentes de processos históricos, econômicos e políticos que moldaram a ocupação e o uso do espaço. A Amazônia, enquanto região estratégica para o desenvolvimento nacional, tem sido palco de projetos de integração e exploração econômica que impactaram diretamente a organização das cidades e as formas de trabalho, especialmente nos municípios de pequeno e médio porte, como Itinga do Maranhão.

A formação histórica da cidade está diretamente relacionada às frentes de expansão territorial ocorridas a partir da segunda metade do século XX, impulsionadas pela abertura de estradas, pela migração interna e pela busca por novas áreas de exploração econômica. A ocupação da região esteve associada à expansão da fronteira agrícola e ao avanço de atividades extrativistas, sobretudo a exploração madeireira.

Do ponto de vista físico, a região apresenta clima tropical úmido, sendo uma zona de transição influenciada pela floresta amazônica, o espaço urbano possui temperaturas elevadas durante quase todo o ano e alta pluviosidade vegetação predominantemente amazônica e áreas de transição com outros biomas. A presença de extensas áreas florestais historicamente favoreceu a instalação de atividades ligadas ao extrativismo vegetal, especialmente a exploração de madeira, que desempenhou papel central na organização do espaço urbano e rural. Esses elementos naturais, entretanto, foram progressivamente incorporados à lógica econômica, muitas vezes sem planejamento adequado, resultando em impactos ambientais significativo.

O perfil socioeconômico do local reflete as contradições típicas das cidades amazônicas. Apesar da riqueza natural do território, o município apresenta indicadores sociais limitados, com forte dependência de atividades de baixo valor agregado. A economia local está concentrada em setores primários, como a agropecuária e o extrativismo; a indústria quando presente, volta-se para o setor extrativista e madeireiro, ressalta-se que grande parte da madeira utilizada nessas atividades é proveniente do estado do Pará.

O mercado de trabalho caracteriza-se pela informalidade e pela instabilidade, com parte significativa da população inserida em ocupações temporárias ou de baixa remuneração. Do total de trabalhadores, as três atividades que mais empregam são: administração pública em geral, cultivo de banana, criação de bovinos para corte e entre os setores característicos da

cidade, também se destacam as atividades de fabricação de madeira laminada, com destaque histórico para o setor madeireiro. A renda média da população é reduzida, essas condições evidenciam a inserção subordinada do município na economia regional e nacional.

Ao comparar Itinga do Maranhão com outras cidades amazônicas, observa-se a reprodução de um padrão comum: municípios que crescem a partir da exploração de recursos naturais, mas que permanecem dependentes de decisões externas e vulneráveis às oscilações do mercado. Assim como outras cidades da Amazônia Oriental, o território desempenha um papel periférico na divisão regional do trabalho, funcionando como espaço de extração e circulação de mercadorias, sem controle efetivo sobre os processos produtivos.

Contudo, o município apresenta particularidades relacionadas à sua trajetória histórica e à centralidade do circuito madeireiro em sua economia, aspecto que contribuiu para moldar suas relações de trabalho e sua organização territorial. Essas características fazem com que se torne um exemplo representativo das dinâmicas econômicas e sociais presentes nas cidades amazônicas, ao mesmo tempo em que revelam especificidades que justificam sua análise enquanto estudo de caso. Portanto, compreender o município de Itinga do Maranhão no cenário das cidades amazônicas é fundamental para analisar, nos tópicos seguintes, a divisão territorial do trabalho e os circuitos espaciais de produção, especialmente no que se refere à atividade madeireira e seus impactos sobre o território e a população local.

4 DIVISÃO TERRITORIAL DO TRABALHO

A compreensão da divisão territorial do trabalho exige, inicialmente, o entendimento dos processos sociais, técnicos e econômicos que estruturam a produção no sistema capitalista. Esse conceito está diretamente relacionado à forma como o trabalho é organizado, distribuído e localizado no espaço geográfico, produzindo especializações regionais e desigualdades socioespaciais. A partir dessa perspectiva, torna-se fundamental discutir a divisão social, técnica e territorial do trabalho, propriamente dita, articulando essas dimensões para a análise geográfica.

Segundo Marx (2013) a divisão do trabalho surge como um elemento estruturante do modo de produção capitalista, na medida em que organiza as funções produtivas de forma desigual, atribuindo papéis distintos aos trabalhadores conforme sua posição na estrutura social. Embora Marx não utilize diretamente o termo “divisão territorial do trabalho”, sua análise da divisão social do trabalho fornece a base teórica para compreender como o capitalismo organiza não apenas funções produtivas, mas também o espaço de maneira desigual.

Marx também aponta que essa organização produtiva gera consequências sociais importantes. Ao separar as atividades em funções distintas, cria-se uma hierarquia entre os trabalhadores e uma diferenciação entre aqueles que planejam, administram ou controlam a produção e aqueles que realizam o trabalho manual. Dessa forma, a divisão do trabalho contribui para a consolidação das desigualdades dentro do sistema capitalista, uma vez que determinados grupos passam a concentrar maior poder econômico e controle sobre os meios de produção.

Além disso, essa lógica de divisão do trabalho não se limita apenas ao interior das fábricas, mas também se manifesta no espaço geográfico. Diferentes regiões e cidades passam a desempenhar funções específicas dentro do sistema produtivo, o que dá origem ao que posteriormente seria discutido na geografia como divisão territorial do trabalho. Assim, alguns lugares se especializam na produção de matérias-primas, enquanto outros concentram atividades industriais, comerciais ou logísticas.

Historicamente, a organização social do trabalho se intensifica com o desenvolvimento do capitalismo industrial, quando ocorre a separação entre trabalho manual e trabalho intelectual. Esse processo contribui para a hierarquização das funções produtivas e para a consolidação das desigualdades sociais, uma vez que determinadas atividades passam a ser mais valorizadas economicamente do que outras.

A divisão social do trabalho consiste na repartição (no mundo ou local) do trabalho vivo, enquanto a divisão territorial do trabalho leva em conta a localização de seus elementos (SANTOS, 1996). Assim, a estrutura social do trabalho não é apenas uma questão técnica, mas sobretudo uma relação social marcada pela exploração e pela apropriação desigual do valor produzido. No contexto contemporâneo, essa divisão se expressa tanto nas relações de trabalho urbanas quanto nas atividades ligadas à exploração de recursos naturais, especialmente em regiões periféricas, nessas áreas, a força de trabalho tende a ser direcionada para atividades intensivas e de menor remuneração, reforçando relações de dependência econômica e social. Em decorrência disso, a divisão social do trabalho constitui a base sobre a qual se estruturam outras formas de organização da produção.

A estrutura técnica do trabalho corresponde ao processo de fragmentação das atividades produtivas em etapas específicas, visando ao aumento da eficiência e da produtividade. Esse tipo de divisão está associado ao avanço das técnicas, das máquinas e das formas de organização do trabalho, sendo amplamente difundido a partir da industrialização.

A divisão territorial do trabalho constitui um conceito central para a compreensão das dinâmicas espaciais do capitalismo, uma vez que expressa a forma como as atividades

produtivas, os serviços e as funções econômicas são distribuídos de maneira desigual no espaço geográfico. Esse processo está diretamente relacionado às transformações históricas dos modos de produção e às necessidades de acumulação do capital, resultando em especializações produtivas entre regiões, cidades e territórios.

De acordo com Milton Santos (1996), a divisão territorial do trabalho pode ser entendida como a materialização, no espaço, da divisão social do trabalho. Enquanto esta última se refere à separação das funções produtivas entre indivíduos e grupos sociais, essa organização espacial do trabalho relaciona-se à localização dessas funções em diferentes lugares, produzindo hierarquias espaciais e relações de dependência entre territórios. Assim, determinados espaços passam a concentrar atividades de maior valor agregado, enquanto outros são destinados a funções produtivas menos complexas, geralmente associadas à exploração intensiva dos recursos naturais.

Nesse contexto, a divisão territorial do trabalho também se relaciona com a forma como as atividades produtivas se distribuem entre diferentes lugares, promovendo simultaneamente processos de dispersão e concentração econômica. Assim, determinados territórios passam a assumir funções específicas dentro da organização produtiva, especializando-se em determinadas atividades e estabelecendo relações de complementaridade com outros espaços.

Nesse viés, cabe destacar a importante contribuição de Moraes (1985, p.3), ao afirmar que:

> Os circuitos espaciais de produção e os círculos de cooperação no espaço devem, então, serem discutidos na ótica da mundialização do espaço geográfico e da globalização das relações sociais de produção. Trata-se de clarificar instrumentos conceituais para compreender a divisão espacial do trabalho em múltiplas escalas.

Historicamente, essa dinâmica espacial da produção se intensifica com a consolidação do sistema capitalista, especialmente a partir da Revolução Industrial, nesse contexto, a separação entre áreas produtoras de matérias-primas e áreas industrializadas tornou-se uma característica marcante da economia mundial. Conforme aponta Harvey (2014), essa lógica contribui para a reprodução das desigualdades regionais, uma vez que os territórios periféricos permanecem subordinados às demandas dos centros econômicos, limitando suas possibilidades de desenvolvimento autônomo.

No caso brasileiro, essa lógica de organização espacial de produção manifesta-se de forma evidente na relação entre as regiões do país. A Amazônia, por exemplo, historicamente foi integrada à economia nacional e internacional como fornecedora de recursos naturais, como madeira, minérios e produtos agroextrativistas. Esse papel atribuído à região reforça uma

inserção subordinada no circuito econômico, marcada pela baixa diversificação produtiva e pela dependência de agentes externos.

Além disso, essa estrutura territorial produtiva não se limita à escala nacional ou global, podendo ser observada também em escalas regionais e locais. Cidades e municípios assumem funções específicas dentro das redes produtivas, de acordo com suas condições técnicas, logísticas e políticas. Assim, determinados municípios passam a desempenhar papel estratégico na extração ou no beneficiamento de recursos, enquanto outros concentram atividades administrativas, comerciais ou de circulação.

Sob essa perspectiva, essa configuração territorial do trabalho revela-se como um processo dinâmico e contraditório, que ao mesmo tempo em que promove a integração dos territórios às redes econômicas, também aprofunda desigualdades socioespaciais. Compreender esse conceito é fundamental para analisar a organização produtiva em espaços amazônicos, especialmente em municípios como Itinga do Maranhão, onde atividades como o circuito madeireiro desempenham papel central na estrutura econômica local.

5 CIRCUITOS ESPACIAIS DE PRODUÇÃO

O estudo dos circuitos espaciais de produção é fundamental para compreender como as atividades econômicas se organizam no espaço geográfico. Esse conceito permite analisar as relações entre produção, circulação, distribuição e consumo, evidenciando como essas etapas se articulam e influenciam a dinâmica econômica e territorial. Nesse sentido, diversos autores da Geografia Econômica destacam que o espaço não é apenas o local onde ocorrem as atividades produtivas, mas também resultado das relações sociais e econômicas que se estabelecem entre diferentes lugares.

Segundo Milton Santos (1988, p. 17):

> Discutir a espacialização da produção-distribuição-troca-consumo como movimento circular constante. Isso significa elaborar conceitos que sejam operacionais o suficiente para captar seus elementos determinantes e dar conta da essência de seu movimento.

Nesse sentido, compreender os circuitos espaciais de produção significa analisar como as diferentes etapas do processo produtivo produção, circulação, distribuição e consumo se organizam territorialmente e se articulam por meio de fluxos materiais e imateriais. Essa abordagem permite entender como o capital se regionalista e como o espaço é constantemente reorganizado pelas dinâmicas do sistema econômico. Os conjuntos de etapas produtivas distribuídas no território podem ser definidos como o conjunto articulado de etapas que

compõem o processo produtivo de determinado bem ou serviço, distribuídas em diferentes lugares e conectadas por fluxos de mercadorias, capitais, informações e pessoas.

De acordo com Santos (1996), o espaço geográfico é formado por sistemas de objetos e sistemas de ações. Os circuitos espaciais resultam exatamente dessa interação, pois envolvem tanto a infraestrutura material como rodovias, portos, indústrias, redes técnicas quanto as ações humanas, decisões empresariais, investimentos e políticas públicas. Assim, cada produto possui um circuito próprio, que pode ser local, nacional ou global, dependendo do grau de integração econômica e tecnológica. Contextualizando, o espaço geográfico se transforma constantemente porque os objetos e as ações interagem o tempo todo, o que gera novas atividades econômicas e reorganiza o território.

Ainda segundo Santos (1996), a produção se realiza por meio de fluxos que conectam diferentes pontos do território, revelando a divisão territorial do trabalho. Determinadas regiões especializam-se na produção de matéria-prima, outras concentram a industrialização, enquanto centros urbanos mais complexos reúnem funções administrativas, financeiras e tecnológicas. Esses fluxos revelam o que ele chama de divisão territorial do trabalho. Isso significa que cada lugar desempenha uma função diferente dentro da economia, ou seja, os territórios passam a ser especializados em determinadas atividades, e todos se conectam por meio de redes de transporte, comunicação e comércio.

Segundo Arroyo (2006), a partir da circulação, das redes e dos fluxos, as cidades crescem na medida em que conseguem ser pontos de confluência de diversos circuitos produtivos. Esses atributos não são exclusivos das metrópoles ou dos grandes centros urbanos, podendo ser encontrados também em cidades pequenas e médias, das quais podem desempenhar papéis relevantes dentro dos circuitos produtivos, principalmente quando possuem atividades especializadas ou quando funcionam como pontos de distribuição e comercialização dentro dessas redes. Assim, o que define a relevância de uma cidade não é somente sua dimensão territorial ou populacional, mas sua capacidade de conexão com outros lugares.

Itinga do Maranhão mesmo não sendo um grande centro urbano, participa de fluxos regionais do circuito madeireiro, principalmente pela produção de móveis e pela circulação da matéria-prima que muitas vezes vem do Pará. Dessa forma, a cidade se insere em uma rede produtiva mais ampla, conectando diferentes territórios da Amazônia e contribuindo para a dinâmica econômica regional.

O desenvolvimento urbano não depende apenas do tamanho da cidade ou da quantidade de população. O crescimento também está ligado à capacidade que a cidade possui

de se conectar com outros lugares por meio de redes econômicas e produtivas, quanto mais uma cidade consegue articular esses fluxos, maior tende a ser sua importância dentro dos circuitos produtivos. essas características não são exclusivas das metrópoles, cidades pequenas e médias também podem desempenhar funções importantes dentro dos circuitos produtivos, principalmente quando estão localizadas em áreas estratégicas, possuem atividades econômicas especializadas, funcionam como pontos de distribuição ou comercialização, assim, mesmo não sendo grandes centros urbanos, essas cidades participam ativamente dos circuitos produtivos e da dinâmica econômica regional.

Santos (2008) destaca que, no período técnico-científico-informacional, os fluxos tornaram-se mais rápidos e intensos, ampliando a integração entre territórios. Isso possibilitou a fragmentação produtiva em escala global, característica marcante do capitalismo contemporâneo. a produção envolve diversas etapas que vão desde a extração da matéria-prima nas áreas de floresta até o processamento nas serrarias, a circulação por meio das redes de transporte, a distribuição nos mercados e, por fim, o consumo dos produtos derivados da madeira, esses processos ocorrem por meio da articulação entre fixos e fluxos, que conectam diferentes pontos do território e possibilitam a organização dos circuitos produtivos.

A análise da dinâmica espacial da produção está diretamente relacionada à divisão territorial do trabalho. Conforme aponta Santos (1996), o território é usado de forma seletiva pelo capital, que escolhe determinados lugares em função de vantagens locacionais, como disponibilidade de recursos naturais, infraestrutura e mão de obra.

Essa seletividade gera desigualdades regionais, pois algumas áreas tornam-se altamente integradas aos circuitos produtivos globais, enquanto outras permanecem marginalizadas. Regiões periféricas frequentemente participam do circuito apenas como fornecedoras de matéria-prima, agregando pouco valor ao produto final.

Segundo Harvey (2005), essa lógica faz parte da dinâmica de acumulação do capital, que busca constantemente novos territórios para expandir a produção e reduzir custos. O capital investe onde há maior possibilidade de lucro, deixando outras áreas à margem. Isso explica por que alguns lugares recebem infraestrutura moderna enquanto outros permanecem precarizados. A expansão territorial do capital não ocorre de forma neutra, mas implica reestruturações profundas no espaço geográfico, produzindo desenvolvimento seletivo e intensificando desigualdades socioespaciais.

Os circuitos espaciais de produção também produzem impactos significativos no território. A implantação de grandes projetos econômicos pode gerar crescimento urbano acelerado, migrações, mudanças no uso da terra e conflitos socioambientais, a modernização

do território não ocorre de maneira homogênea, mas seletiva. Certos lugares recebem investimentos e infraestrutura moderna, enquanto outros permanecem com estruturas precárias. Além disso, atividades inseridas em circuitos globais como mineração, agronegócio e exploração florestal podem intensificar processos de desmatamento, concentração fundiária e desigualdade social.

O processo produtivo articulado em diferentes regiões constitui um importante instrumento teórico para compreender a organização do espaço geográfico na contemporaneidade. Ao analisar as etapas da produção e os fluxos que conectam diferentes territórios, torna-se possível entender a dinâmica da economia capitalista e suas implicações sociais e ambientais. A partir das contribuições de Milton Santos, compreende-se que o espaço é resultado das relações sociais e da ação do capital, sendo constantemente transformado pelos circuitos produtivos. Dessa forma, estudar os circuitos espaciais é fundamental para analisar o desenvolvimento regional, as desigualdades territoriais e os desafios da globalização.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os polos moveleiros são regiões conhecidas pela concentração de indústria e empresas relacionadas à produção de móveis. Geralmente, esses polos se destacam pela especialização na fabricação de determinados tipos de móveis, como móveis planejados, rústicos, infantis, entre outros. Eles costumam gerar empregos e impulsionar a economia local. Além disso, contribuem para o desenvolvimento do setor moveleiro no país.

A economia de uma cidade é um reflexo da atividade comercial, industrial e serviços que ocorre em sua região. Um dos setores relevantes da economia de Itinga do Maranhão vem da indústria madeireira que engloba a produção de bens e serviços, a geração de empregos, o comercio local e nacional, além dos investimentos públicos e privados. A sua diversificação da economia pode contribuir para a estabilidade e crescimento sustentável, proporcionando oportunidades para os cidadãos e fortalecendo a infraestrutura local. O Polo moveleiro desempenha um papel crucial na geração de emprego e desenvolvimento econômico da região, atraindo investimentos e impulsionando seu crescimento industrial.

Os móveis de madeira são segmentados em retilíneos e torneados. As principais matérias-primas dos primeiros são os aglomerados, painéis e compensados. Os torneados têm como matéria-prima principal a madeira maciça, podendo também incluir painéis. Esses moveis são uma escolha popular devido a sua durabilidade, beleza natural e versatilidade. Eles são fabricados de diferentes tipos de madeira, como pinho, carvalho, mogno, entre outros.

A fabricação dos móveis envolve várias etapas desde o planejamento e design até a seleção da madeira, corte e modelagem, montagem e acabamento. O processo de busca pela madeira para fazer móveis geralmente começa com a seleção da espécie de madeira adequada para o tipo de móvel desejado. Isso inclui considerar a durabilidade, a aparência, a facilidade de trabalhar com a madeira e a disponibilidade no mercado.

Em seguida, é importante encontrar fornecedores confiáveis que ofereçam madeira de qualidade, seja ela proveniente de fontes sustentáveis e legalizadas. A inspeção visual da madeira para verificar imperfeições, como rachaduras ou danos, também faz parte do processo. Além disso, aspectos como o grau de umidade e a estabilidade da madeira também são levados em consideração para garantir que o material seja adequado para a fabricação de móveis.

A produção dos móveis ocorre por meio de um processo dividido em diferentes etapas de trabalho, nas quais cada trabalhador desempenha funções específicas ao longo da fabricação do produto. Inicialmente, realiza-se a preparação da base do móvel, etapa em que se define o tamanho da peça e são feitos os primeiros cortes da madeira no pátio da serraria ou da movelaria. Em seguida, as peças são encaminhadas para a plaina, onde passam por um processo de nivelamento da superfície. Posteriormente, ocorre o sarrafeamento, etapa em que as peças são ajustadas de acordo com as larguras necessárias para a estrutura do móvel.

Após essa fase, a madeira passa pelo desengrosso, processo responsável por padronizar a espessura das peças, garantindo que todas fiquem na mesma bitola. Em seguida, as peças são levadas à esquadrejadeira, onde são aparadas e ajustadas para garantir medidas precisas e alinhamento adequado. Posteriormente, são realizados os furos e as respigas, que permitem o encaixe das partes do móvel durante o processo de montagem. Após essa preparação estrutural, as peças passam pelo processo de lixamento, que tem como objetivo suavizar a superfície da madeira e prepará-la para a etapa final. Por fim, ocorre a montagem do móvel e o acabamento final. A figura ilustra a dinâmica do circuito espacial produtivo madeireiro em Itinga do Maranhão, com ênfase na produção artesanal de móveis, evidenciando o beneficiamento da madeira, o uso de equipamentos e a inserção de pequenos produtores no circuito inferior da economia.

Figura 2: Produção artesanal de móveis no município de Itinga do Maranhão



Fonte: A autora, 2026.

Entre os principais produtos fabricados nas movelarias do município destacam-se mesas, bancos, cadeiras, banquetas e camas, que são comercializados tanto no mercado local quanto em regiões próximas. Para a realização dessas atividades, os trabalhadores utilizam diversos equipamentos e ferramentas, como motosserra, furadeira industrial, serra circular, plaina, desengrosso, esquadrejadeira, tupia industrial, lixadeira, furadeira manual e martelo, entre outros instrumentos essenciais para o processo produtivo. Esses equipamentos exigem cuidados específicos durante o manuseio, pois podem ocasionar acidentes de trabalho caso não sejam utilizados com as devidas medidas de segurança.

Nesse contexto, o uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) torna-se fundamental para reduzir os riscos aos quais os trabalhadores estão expostos. Os EPIs correspondem a dispositivos de uso individual destinados à proteção do trabalhador contra possíveis danos à sua saúde e segurança durante o exercício de suas atividades. Entre os principais materiais recomendados para esse tipo de atividade destacam-se luvas, óculos de proteção, botas de segurança, protetores auriculares, capacetes e vestimentas adequadas.

Entretanto, observa-se que em algumas movelarias o uso desses equipamentos ainda é limitado ou inexistente, o que aumenta a exposição dos trabalhadores a diferentes tipos de riscos ocupacionais. Entre os principais perigos estão cortes, perfurações, lesões provocadas por máquinas, inalação de poeira da madeira e níveis elevados de ruído produzidos pelos equipamentos industriais. Dessa forma, a ausência ou o uso inadequado de EPIs contribui para a precarização das condições de trabalho nesse segmento produtivo. Assim, a adoção de práticas de segurança e a disponibilização adequada de equipamentos de proteção são fatores essenciais para garantir melhores condições de trabalho e reduzir a ocorrência de acidentes no circuito madeireiro local.

O tempo necessário para a produção de um móvel pode variar conforme o tipo e o nível de complexidade da peça, podendo levar entre um e três dias para ser concluído. A matéria-prima utilizada nas movelarias, especialmente a madeira, é em grande parte proveniente do estado do Pará, evidenciando a circulação regional de recursos naturais no circuito produtivo da madeira.

No que se refere à organização do trabalho, a jornada geralmente ocorre de segunda-feira a sábado, com atividades até o meio-dia aos sábados. Em alguns estabelecimentos, os trabalhadores recebem por produção, sendo remunerados de acordo com a quantidade de móveis fabricados. Em outros casos, o pagamento é realizado por quinzena, com carga horária média de oito horas diárias. Quando o pagamento é feito por produção, alguns trabalhadores precisam adquirir seus próprios equipamentos de trabalho.

A renda obtida pelos trabalhadores varia conforme o volume de produção realizado ao longo da semana. Em média, os ganhos podem variar entre 800 e 1.200 reais semanais, podendo alcançar aproximadamente 3.500 reais mensais quando a produção é mais elevada.

Importante ressaltar que a busca ilegal por madeira é um problema sério que afeta as florestas e o meio ambiente, há essa busca ilegal e que tau crescimento apresenta desafios ambientais, como a gestão de resíduos e a poluição provocada por estas indústrias. Neste ponto se faz essencial que tais indústrias adotem práticas cada vez mais sustentáveis e que estejam em conformidade com as regulamentações ambientais. A exploração ilegal de madeira pode resultar em desmatamento descontrolado, degradação do habitat natural, perda de biodiversidade e impactos negativos sobre comunidades locais. Além disso, contribui para o comércio ilegal e a economia informal, gerando prejuízos econômicos e sociais.

As práticas ilegais na busca de madeira muitas vezes envolvem a violação de leis ambientais e de proteção florestal, bem como o desrespeito aos direitos das comunidades indígenas e tradicionais. No caso da fabricação de móveis, é crucial garantir que a madeira

utilizada seja proveniente de fontes legais e sustentáveis, o que pode ser feito por meio da verificação da origem da matéria-prima e da escolha de fornecedores certificados. A conscientização dos consumidores sobre os impactos da busca ilegal por madeira também desempenha um papel importante nesse contexto. Para combater esse problema, é fundamental promover a fiscalização efetiva, incentivar a gestão sustentável das florestas, apoiar iniciativas de certificação de produtos florestais e conscientizar sobre a importância da compra responsável de madeira.

Evidencia-se assim, que os polos industriais moveleiro de Itinga do Maranhão têm desempenhado um papel fundamental no desenvolvimento econômico do estado e na integração deste estado com o restante do Brasil, eles destacam o papel transformador que estas instalações têm exercido no panorama econômico e social da cidade. A cidade tem superado seu histórico isolamento econômico, permitindo que seus polos se tornem motores de crescimento e desenvolvimento regional. Essa evolução, fortalecida por uma estratégica infraestrutura de transportes e logística, tem contribuído significativamente para o crescimento econômico e geração de emprego, além de estimular o desenvolvimento sociocultural na cidade.

Embora os desafios ambientais e de infraestrutura persistam, os progressos até aqui indicam um futuro promissor para a industrialização da cidade, contribuindo significativamente para o crescimento econômico do Nordeste e do Brasil como um todo. A implementação de práticas industriais mais limpas e a conformidade com as regulamentações ambientais são essenciais para garantir um desenvolvimento equilibrado e sustentável.

Portanto, enquanto os polos moveleiros industriais de Itinga do Maranhão continuam a ser motores de crescimento e inovação, a sustentabilidade deve permanecer no cerne das estratégias de expansão e operação, assegurando que o desenvolvimento econômico alcance também um progresso social e ambiental harmonioso para o estado e para o país.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a divisão territorial do trabalho e o funcionamento do circuito espacial madeireiro no município de Itinga do Maranhão, evidenciando como a atividade moveleira se estrutura no espaço local e quais são os principais elementos que compõem sua dinâmica produtiva. A partir do estudo realizado, foi possível identificar que o setor madeireiro exerce papel significativo na economia do município, contribuindo para a geração de empregos, circulação de mercadorias e fortalecimento das atividades industriais e comerciais ligadas à produção de móveis.

Observou-se que a produção moveleira local apresenta uma clara divisão do trabalho, na qual diferentes etapas do processo produtivo são desempenhadas por trabalhadores com funções específicas, desde a preparação da madeira até o acabamento final do móvel. Esse processo evidencia a organização produtiva típica de pequenos polos industriais, nos quais a especialização das tarefas e o uso de diferentes equipamentos estruturam o circuito produtivo da madeira. Além disso, a pesquisa demonstrou que a matéria-prima utilizada nas movelarias, em grande parte proveniente do estado do Pará, revela a existência de fluxos regionais de recursos naturais, integrando o município a uma rede mais ampla de produção e circulação de madeira na Amazônia.

Outro aspecto relevante identificado refere-se às condições de trabalho presentes nesse circuito produtivo. Apesar da importância econômica da atividade, constatou-se a existência de desafios relacionados à segurança do trabalho, especialmente em razão do uso limitado de equipamentos de proteção individual em algumas movelarias. Essa situação expõe os trabalhadores a diferentes riscos ocupacionais, evidenciando a necessidade de maior atenção às condições de trabalho e à adoção de práticas que garantam maior segurança no ambiente produtivo.

Além das questões laborais, o estudo também destacou os desafios ambientais associados à exploração da madeira, sobretudo no que se refere à extração ilegal e aos impactos ambientais decorrentes dessa prática. Nesse sentido, torna-se fundamental fortalecer mecanismos de fiscalização, incentivar práticas de manejo sustentável e promover a utilização de matéria-prima proveniente de fontes legalizadas, garantindo assim maior equilíbrio entre desenvolvimento econômico e conservação ambiental.

Dessa forma, conclui-se que o circuito espacial madeireiro em Itinga do Maranhão constitui um elemento central para a dinâmica econômica local, ao mesmo tempo em que revela importantes contradições relacionadas às condições de trabalho e aos impactos ambientais. Assim, compreender a divisão territorial do trabalho nesse contexto permite ampliar o entendimento sobre a organização produtiva da atividade madeireira na região, contribuindo para reflexões acerca de estratégias que conciliem crescimento econômico, justiça social e sustentabilidade ambiental.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. M. **Dinâmica territorial, circulação e cidades médias**. In: SPOSITO, E. S.; SPOSITO, M. E. B.; SOBARZO, O. (org.). Cidades médias: produção do espaço urbano e regional. São Paulo: Expressão Popular, 2006, p. 71-85**.**

BECKER, Bertha K**. Amazônia: geopolítica na virada do III milênio**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

DOURADO, José Ribamar; BOCLIN, Roberto Guimarães. **A Indústria do Maranhão: um novo ciclo. Brasília: Federação das Indústrias do Estado do Maranhão** (FIEMA); Confederação Nacional da Indústria (CNI), 2008.

HARVEY, David. **O novo imperialismo**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

HARVEY, David. **O novo imperialismo**. Tradução de Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades e Estados: Itinga do Maranhão (MA). Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Os circuitos espaciais de produção e os círculos de cooperação no espaço, mimeografado**. São Paulo, 1985.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço.** São Paulo: Editora da USP, 1991.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. 4. reimpr. São Paulo: Edusp, 2008.